

Sábado Santo da espera e da esperança

“Lacraram a pedra e deixaram ali a guarda” (Mt 27,66)

O **Sábado Santo** é o dia do grande **silêncio**: *“Um grande silêncio reina hoje sobre a terra; um grande silêncio e uma grande solidão. Um grande silêncio porque o Rei dorme; a terra estremeceu e ficou silenciosa, porque Deus adormeceu segundo a carne”* (de uma antiga homília de Sábado Santo: no Ofício de Leitura deste dia).

Neste dia de **silêncio** recordar os grandes **silêncios** da vida (perdas, fracassos, crises...) onde não há razões, mas no silêncio profundo, algo novo começa a germinar...

Envolve-nos a “noite sabática”, que deve re-alimentar a paixão pela vida.

O Sábado Santo nos fala do **silêncio de Deus** - *“como a Divindade se esconde”* (S. Inácio -EE. 196) – e nos convida a adentrar-nos no Mistério que está presente em toda existência: ausência, dor, fracasso, morte... Sem **Cruz** não há passagem para a **Vida**, não há Ressurreição.

Na Paixão e morte de Jesus, o **Silêncio** de Deus não é um silêncio vazio. É um silêncio eloquente, que nos fala: revela, desvela sem dizer, mostrando uma vida que não necessita palavras, a vida de Jesus que é puro amor até o fim e que, por sua vez, desvela o puro Amor de Deus. Loucuras do amor de Deus. Só o amor que se entrega, salva.

Com seu sepultamento, Jesus *“desce à região dos mortos”*, radical solidariedade com a Criação e a humanidade inteira que, por sua vez, fazem a “travessia” da morte em direção à Nova Vida.

Neste dia, nos associamos a Jesus sepultado em sua “descida” para *“subir”* com Ele, arrancando de nosso próprio coração a cumplicidade com todo tipo de morte, para nos deixar possuir pela **glória** de Deus.

“Descer” com Ele para aquilo que está morto em nós (no nível corporal, afetivo, espiritual, social). A luz da presença solidária de Jesus ilumina tudo o que é sombrio em nosso interior. Ali estão presentes germes de vida que ainda não tiveram possibilidade de irromper e crescer.

Somente porque Jesus desceu nos “infernos” da vida é que pode salvar-nos deles, transformá-los em caminho. *“Porque foi provado no sofrimento, pode ajudar os que são provados”* (Heb. 2,18).

A **“Terra crucificada”**, os **“crucificados da história”**, os sofredores e as vítimas, são lugar de encontro com Aquele que “desceu” até às extremidades mais profundas da Criação e da Humanidade, revelando-se solidário com todos; Aquele que viveu a Paixão em favor da vida é sepultado, ou seja, colocado na terra como a semente, para novamente germinar e gerar Nova Vida, Nova Criação, Nova Humanidade.

Por isso o **Sábado Santo** da dor, da tristeza, do fracasso..., se revela também como **Sábado Santo** da espera e da esperança.

S. Inácio, na 3ª. Semana dos EE, nos sugere que a oração seja feita a partir da **solidão** de Maria. Aqui se trata de unir-nos à **esperança** de Maria e das mulheres, uma esperança contra toda esperança. É o muro da esperança que é preciso atravessar.

Maria *“em tanta solidão, dor e fadiga”* (EE. 208), mas aguardando... Trata-se de experimentar a esperança daquilo que não se vê, mas na certeza daquilo que virá.

A **morte** de Jesus, com todas as marcas de ser um condenado pelos homens, pelos poderes políticos e religiosos de sua época, certamente colocou Maria na maior crise possível; crer na **ressurreição** de Jesus foi o máximo de fé e esperança por parte dela.

O enfoque deste dia de luto está no fato de que é preciso esperar no silêncio e na calma. Às vezes queremos passar da morte à vida sem espaços de **esperas**.

Sabemos que a vida da Igreja, como também a nossa vida pessoal, é feita de longos **sábados santos**, nos quais nem a dor da **Paixão** nem o consolo da festa **Pascal** marcam significativamente nossos dias e nossas noites, mas simplesmente a dura e paciente **espera**, na fé mais despojada, de um Senhor, que se faz esperar tanto que parece que já não vai chegar mais.

É o **Sábado Santo** de um credo pascal que sabe que **amanhã** florescerá a messe. Submergido no **sepulcro** do Senhor, esperamos simplesmente.

Ao sentir nossa própria incapacidade de levar adiante a exigência do Evangelho, nos apresentamos **no** sepulcro do Senhor de onde pode irromper a **força transformadora** da manhã da Ressurreição.

O Sábado Santo é um dia sem liturgia, em silêncio, não passa nada, não sucede nada, recorda a solidão do sepulcro, a tristeza das mulheres e dos discípulos, a desilusão diante do fracasso.

No entanto o **Sábado Santo** é seguramente o tempo da Igreja e da liturgia que nos toca viver mais longamente em nossa vida.

Sábado Santo é tempo não só de espera, mas de **esperança**, é deixar que o grão de trigo morto comece a germinar, é tempo de um inverno que tornará possível as flores da primavera, é tempo de imaginar, de criar, de abrir-nos a algo novo e inesperado, de sonhar um mundo melhor e uma Igreja nazarena. O Sábado Santo é ao mesmo tempo “sepulcro e mãe”, como diziam os antigos Padres da Igreja, ao falar do batismo.

Este espaço de silêncio não é de morte senão de vida germinal, é noite que aponta à aurora, são as noites escuras da vida que desembocam na alegria da alvorada; é tempo de fé e de esperança, é momento de semear, ainda que não vejamos os resultados, é tempo de crer que o Espírito do Senhor, criador e doador de vida, está fecundando a história e a terra para seu amadurecimento pascal e escatológico, para a terra nova e o céu novo.

É o Sábado Santo que nos abre às surpresas de Deus, o “Amigo da vida”.

Já vislumbramos, no horizonte, as luzes da madrugada da Ressurreição.

Textos bíblicos: Jo 19,25-30 Jo 19,38-42 Mc 15,42-47

Na oração: contemplar Maria em sua “segunda Anunciação”; na “primeira Anunciação” deu-se o início da vida de Jesus. Agora, essa Vida se revela a ela como Vida definitiva.

Que Maria eduque nossa confiança; que ela nos encha de esperança.